

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16631 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 23 - GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

DIFERENCIAÇÃO CURRICULAR NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS: O TRABALHO COLABORATIVO NO COTIDIANO DA ESCOLA

Rubia Denise Islabão Aires - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

## **DIFERENCIAÇÃO CURRICULAR NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS: O TRABALHO COLABORATIVO NO COTIDIANO DA ESCOLA**

### **Resumo**

O presente trabalho tem como temática a diferenciação curricular como uma potência na educação bilíngue de surdos, sendo abordada com foco no trabalho colaborativo. Tem como objetivo discutir as potenciais contribuições da diferenciação curricular na educação bilíngue de surdos considerando as atividades desenvolvidas no trabalho colaborativo entre as professoras. Para tanto, estabelecemos a conversa como metodologia de pesquisa, e a análise de conteúdo para o processo de análise. As discussões e resultados consideram que a educação bilíngue de surdos compreende a Libras como língua de instrução e a Língua Portuguesa com segunda língua. Nesse contexto, a diferenciação curricular abordando o trabalho colaborativo se apresenta como uma potência para elaborar outras estratégias de ensino, pensando na aprendizagem dos estudantes. Assim, inferimos que o trabalho colaborativo, em práticas de docência compartilha nas trocas do cotidiano, tem uma contribuição significativa no espaço da escola de surdos na constituição da educação bilíngue.

**Palavras chaves:** Diferenciação curricular. Educação Bilíngue de Surdos. Trabalho Colaborativo.

A temática desenvolvida tem a diferenciação curricular como uma potência na educação bilíngue, sendo abordada com foco no trabalho colaborativo, que se apresenta de forma recorrente no cotidiano na escola de surdos em atividades interdisciplinares realizadas pelas professoras. A pesquisa se embasa em pesquisadoras do campo dos estudos surdos, conceitos da área da educação especial na perspectiva da educação inclusiva, na legislação vigente, conversando com o cotidiano escolar.

O referencial teórico metodológico se constitui na perspectiva das epistemologias decoloniais, buscando construir uma horizontalidade nessas relações entre participantes da pesquisa e pesquisadoras. De acordo com Moujan (2020, p. 33) “Descolonizar possui o caráter de uma ação destinada a subverter cada canto das práticas sociais [...]” para pensarmos no processo de produção de conhecimentos de forma desverticalizada. Para tanto,

estabelecemos a conversa como metodologia de pesquisa assumindo, como colocam Ribeiro, Souza e Sampaio (2018, p. 165), que a “[...] conversar é uma postura, um posicionamento, uma abertura: ao encontro, ao diálogo.”

Nesse sentido, nossos diálogos com as escolas, não se estabeleceram apenas no momento dos encontros referentes à pesquisa de doutorado, que foram registrados e transcritos, mas esses encontros se constituíram ao longo dos anos em que circulamos pelas escolas, na realização de pesquisas, em visitas para participar de atividades culturais abertas a comunidade, e em formações continuadas que fomos parceiras. Mantemos a preocupação ao que Alves; Garcia (2000, p.12) nos alertam: “Muito se fala sobre escola, de fora da escola, de longe da escola, muitas vezes a partir de um absoluto desconhecimento em relação ao que acontece dentro da escola a cada dia.” Sendo assim, também compõe o corpus de análise, um diário com a descrição desses momentos em que estivemos com as escolas em seus cotidianos.

Ressaltamos o ambiente bilíngue das escolas participantes, nas quais a Língua Brasileira de Sinais – Libras e Língua Portuguesa circulam. Por isso, para o desenvolvimento da pesquisa, os termos de consentimento livre esclarecidos, os materiais utilizados para a pesquisa, e os encontros registrados em áudio e vídeo, foram acessibilizados para a Língua Brasileira de Sinais – Libras, seguindo os procedimentos éticos (KARNOPP, 2017), quando da presença de participantes surdos usuários da Libras.

Todo o material gravado foi traduzido e transcrito. Os excertos das falas das professoras estão apresentados em itálico, compondo o corpo de texto. Para a distinção entre as falas utilizamos: A e B para nos referirmos as escolas, 1 e 2 para indicar os encontros realizados, e o tempo de vídeo em que selecionamos o excerto. A forma de identificação das professoras foi negociada com cada participante.

Importante dizer que assumimos escrever na primeira pessoa do plural, por compreendermos que a pesquisa se constitui da partilhada de vivências das práticas pedagógicas, desenvolvidas pelas professoras nas escolas de surdos. Ainda destacamos que, ao nos referirmos as professoras e professores, vamos usar o substantivo feminino para representar todas/os profissionais, tendo em vista que a maioria são mulheres.

As análises tomam como referência a análise de conteúdo (BARDIN, 2016) seguindo o método que contempla três momentos: pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Os dados discutidos neste trabalho são referentes a uma das categorias de análise, que neste momento está nomeada como ‘atividades interdisciplinares’. Essa categoria emergiu da recorrência de atividades que integram diferentes disciplinas e que se articulam em determinados momentos narrados pelas professoras.

As discussões e resultados da pesquisa se embasam no campo dos estudos surdos, com inspiração nos estudos culturais e decoloniais, articulados com conceitos da área da educação

especial, e nas legislações vigentes, estabelecendo algumas inferências em relação às falas das professoras que atuam nas escolas de surdos. Nesse sentido, inicialmente situamos conceitualmente algumas temáticas que são fundamentais para nossas discussões. A educação bilíngue de surdos é compreendida de acordo com a Lei nº 14.191/2021, Art. 60-A, como:

[...] a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos. (BRASIL, 2021)

Diante dessa compreensão de educação bilíngue de surdos, nosso foco está nas escolas de surdos com perspectivas bilíngues. Entendemos a escola de surdos, a partir do Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue, como o espaço em que a Libras é a língua de instrução e a Língua Portuguesa é ensinada como L2, as professoras são preferencialmente bilíngues e não havendo mediação de intérpretes (MEC/SECADI, 2014). Ao realizar a aproximação entre as discussões referentes a educação bilíngue constituída na escola de surdos e a diferenciação curricular, entendemos que esse último propõe mudanças nas formas de trabalhar os conteúdos escolares, pensando nos estudantes. Assim, podemos considerar que,

A diferenciação curricular fundamenta-se, por isso, em várias interpretações, sendo de referir aquelas que apontam quer para o progresso qualitativo da aprendizagem escolar, pois o processo de ensino identifica e responde positivamente às necessidades dos alunos [...]. (PACHECO, 2008, p. 183)

A diferenciação curricular tem diferentes níveis de operacionalização e sentidos; neste estudo estamos abordando o nível pedagógico curricular (ROLDÃO, 2003), no sentido do trabalho colaborativo (SCHERER, 2022), no qual direcionamos nossas discussões referentes a categoria atividades interdisciplinares, como mencionado anteriormente.

A partir das falas das professoras foi possível constatar que existem consistentes trocas entre as profissionais, no cotidiano da escola, como a professora ressalta [...] *Precisamos de muitas trocas entre nós. (Registro A-1, 22:31')*, esses momentos ocorrem em diferentes dimensões, sejam situações de dúvidas de como realizar uma explicação, que demanda o auxílio de outra professora, como apontado neste relato [...] *eu acho que é uma boa troca e nós temos essa liberdade, me sinto à vontade com as colegas, de estar pedindo esse apoio. (Registro B-1, 18:31')*. Como apontado, elas se sentem à vontade para buscar no colega o apoio, e essas trocas no espaço escolar são muito importantes para qualificar a educação bilíngue de surdos.

Analisando esses relatos consideramos a potência do trabalho colaborativo presente nessas interações. A pesquisadora Scherer (2022, p. 8) coloca que o “[...] trabalho colaborativo realizado entre o professor de Atendimento Educacional Especializado e o

professor do ensino regular atuando cooperativamente no contexto das atividades [...]” mostra como a docência compartilhada tem relevância nas atividades coletivas. Nesse contexto, a autora está discutindo o trabalho entre o professor de AEE e o professor titular da turma ou da disciplina, destacando a relevância desse trabalho. Quando aproximamos essas discussões da educação bilíngue de surdos, não estamos falando do trabalho do professor de AEE com o professor titular da turma, mas abordamos o trabalho em colaboração entre as professoras da escola bilíngue de surdos, sejam nas trocas entre surdos-ouvintes, surdos-surdos, ouvintes-ouvintes, como podemos identificar nessa fala “*Todos contribuem. A equipe, a escola toda, elas contribuem. Pesquisadora: professoras surdas e professoras ouvintes? Sempre nesse processo de troca? Professor: sim.*” (Registro A-1, 18:01’. A potência está nas trocas constantes nesse espaço, pela busca de formas, estratégias e metodologias que atendam as especificidades dos estudantes, e possam contribuir para o seu desenvolvimento.

Ainda cabe considerar que esses apoios, como nomeiam as professoras, não estão caracterizados pela presença constante dentro da sala de aula na docência compartilhada, mas tem em sua essência as trocas, o compartilhamento de estratégias e metodologias, pensando em como promover processos de ensino e aprendizagem com os estudantes surdos, algo muito forte e muito presente em ambas as escolas.

Essas trocas se evidenciam em atividades de sala de aula que buscam o desenvolvimento dos conteúdos escolares ou em atividades interdisciplinares projetos compartilhados entre diferentes professoras. Para Lück (2010, p. 47) a interdisciplinaridade “é o processo que envolve a integração e o engajamento de educadores, num trabalho conjunto de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade”, como destacado por uma das professoras: *se a professora de português tem alguma dificuldade em algum texto, nós trabalhamos com a questão histórica, discutir, e tudo mais! Então, eu não trabalho só o corpo, em si. Eu trabalho também a questão social dentro da escola.*” (Registro A-2, 12:31’).

Os projetos que integram diferentes disciplinas, tendo essa abordagem interdisciplinar, ressaltam também, os aspectos da interculturalidade no espaço escolar. A interculturalidade está presente no espaço escolar bilíngue, contudo, não é sempre colocada em discussão (ROMANI; RAJOBAC, 2011), e nesse sentido, o trabalho que as escolas vêm desenvolvendo com temáticas com gênero, raça, religião, entre outros, apontam que existe uma preocupação com o respeito às diferenças, e que essas temáticas fazem parte do currículo trabalhado na escola preferencialmente de forma interdisciplinar.

Encaminhando para as considerações finais, inferimos que o trabalho colaborativo, em práticas de docência compartilha, nas trocas do cotidiano, tem uma contribuição significativa no espaço da escola de surdos, na constituição da educação bilíngue. A potência que o trabalho colaborativo – as trocas – como as professoras nomeiam nas suas falas, se estabelece entre elas com a intensão de qualificar as práticas de ensino e aprendizagens dos estudantes surdos.

## Referências

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina L (orgs.). **A invenção da escola a cada dia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRASIL. Lei 14191/21. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2021/lei/114191.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/114191.htm). Acesso em: 05 ago 2024.

LÜCK, Heloisa. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teóricos-metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MEC/SECADI. **Relatório sobre a Política Linguística de educação bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº 1.060/2013 e nº 91/2013 do MEC/SECADI. Brasília/DF: 2014 Disponível em: <file:///C:/Users/Administrador/Downloads/Relat%C3%B3rioMEC\_

SECADI.pdf>. Acesso em: 05 ago 2024.

MOUJÁN Inés Fernández., Diálogos entre saberes e práticas pedagógicas descoloniais. In: MOUJÁN, Inés F.; CARVALHO, Elson S. Silva; RAMOS JÚNIOR Dernival V. (org). **Pedagogias de(s)coloniais saberes e fazeres**. Goiania/GO, Econuvem (e-book), 2020, p. 25-100.

PACHECO, José Augusto. Notas sobre diversificação/diferenciação curricular em Portugal. **InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Campo Grande, MS, v. 14, n. 28, p. 178-187, jul.-dez./2008.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; SAMPAIO, Carmen S. É possível a conversa como metodologia de pesquisa? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; SAMPAIO, Carmen. (orgs). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

ROLDÃO, Maria do Céu. Diferenciação curricular e inclusão. In: RODRIGUES, David (Org.). **Perspectivas sobre a inclusão – da educação a sociedade**. Porto/Portugal: Editora Porto, 2003.

ROMANI, Simone; RAJOBAC, Raimundo. Por que debater sobre interculturalidade é importante para a Educação? **Revista Espaço Acadêmico**. Nº 127. 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/55539/Downloads/12715-Texto%20do%20artigo-61031-1-10-20111206%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/55539/Downloads/12715-Texto%20do%20artigo-61031-1-10-20111206%20(1).pdf) .Acesso em: 05 ago 2024.

SCHERER, Renta Porcher; Diferenciação curricular no Ensino Médio Integrado: recursos acessíveis, mediação pedagógica e trabalho colaborativo. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 1, n. 22, p. e11492, Fev. 2022. ISSN 2447-1801. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/11492>. Acesso em: 05 ago 2024.